

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 10 | Nº 28 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.6403523>



DO INTERIOR DA BAHIA PARA O BRASIL: ENSINAR AS CRÔNICAS DE TATAH CAFÉ PARA QUÊ?

Alexandra Gomes dos Santos Matos¹

Resumo

Este trabalho analisa como as crônicas de Café (2019) podem contribuir com o processo de fomentação da consciência cidadã do educando, via elevação do nível de letramento vernacular, se trabalhadas conforme sejam as demandas advindas das reais necessidades de aprendizagem do discente, sob o cotejo da teoria de Bakhtin (2014) e de Freire (2019). Nessa linha, defende-se um ensino que não dissocie a Língua Portuguesa da Literatura Brasileira, o que faz ressaltar a relevância social desta pesquisa por contribuir com a área educacional, bem social de sumo relevo na perseguição de demais direitos fundamentais à pessoa humana. A partir de um estudo de revisão bibliográfica, com coleta qualitativa de dados, verificou-se que a crônica, enquanto literatura, não deve ser vista como “menor”, sendo um dos gêneros por meio dos quais é possível fomentar a consciência cidadã, sob o enfoque dos poderes da literatura, conforme asseveram os estudos de Compagnon (2009).

Palavras chave: Aprendizagem. Contemporaneidade. Linguagem. Literatura Brasileira.

Abstract

This paper analyzes how the chronicles of Café (2019) can contribute to the process of fostering the citizen awareness of the student, by raising the level of vernacular literacy if worked according to the demands arising from the real learning needs of the student under the comparison of the theory of Bakhtin (2014) and Freire (2019). In this line, it has been defended a teaching that does not dissociate the Portuguese language from Brazilian Literature, which highlights the social relevance of this research for contributing to the educational area, a social asset of paramount importance in the pursuit of other fundamental human rights. Taking for granted a literature review study with qualitative data collection it was concluded that chronicle, as literature, should not be seen as "minor", being one of the genres through which it is possible to foster citizen awareness, from the perspective of powers of literature, according to the studies of Compagnon (2009).

Keywords: Brazilian Literature. Contemporaneity. Language. Learning.

INTRODUÇÃO

A literatura, enquanto manifestação artística da linguagem, sempre se faz presente no curso da história humana, na linha de defesa proposta por Cândido (2017), que a concebe no rol de direito fundamental a todo indivíduo. Para Cândido, a literatura, em sentido amplo, deve ser vista de modo abrangente, envolvendo o universo de criações com “[...] toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade [e] de uma cultura, desde o que chamamos de folclore, até as formas mais complexas e difíceis de produção escrita das grandes civilizações”. (CÂNDIDO, 2017, p. 176). Sob essa ótica, a literatura se manifesta em diferentes momentos da história, nas mais distintas classes sociais, desde as mais vulneráveis, do ponto de vista socioeconômico, até as mais abastadas, constituindo-se como prática universal, inata ao homem.

¹ Mestra e graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Bacharel em Direito e Advogada. Professora de Ensino Básico e Superior. E-mail para contato: allmattos@yahoo.com.br



A partir disso, Cândido (2017) advoga sobre a dimensão humana de que a literatura está eivada, concebendo-a como direito de todo indivíduo, como o é a alimentação, a saúde, a educação e demais direitos sociais. Nesse sentido, Cândido (2017) destaca a impossibilidade de se viver 24 horas sem contato com o fabuloso, justificando o motivo pelo qual o homem sempre tem feito literatura, não importando se erudito, analfabeto, incrédulo, religioso ou qual seja o nível da sociedade de que essa pessoa faça parte. Para Cândido, “[...]a literatura concebida no sentido amplo [...] parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.” (CÂNDIDO, 2017, p. 177).

Sendo o acesso à LB um direito fundamental e humano, é naturalmente razoável que ela figure a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), percorrendo as mais diferentes etapas da educação básica, em pleno alinhamento com o contexto democrático, chancelado pela Constituição da República Federativa do Brasil, doravante CRFB/1988, no Brasil. Servindo-se da Literatura Brasileira, na forma defendida por Compagnon (2009), o homem pode se deleitar, aprender, libertar-se e, fazendo tudo isso, perceber-se um sabedor diferente do mundo por envolver, nessa aprendizagem, as múltiplas facetas da vida, que nem sempre se espriam em conteúdos programáticos de um dado currículo escolar. Não obstante, estão diretamente entrelaçadas a experiências de leituras que trazem saberes imprescindíveis para o universo das múltiplas relações humanas, em sua dimensão compreensiva, transformadora, humanista e cidadã.

Assim, a poesia, cada vez mais, passa a não integrar o poema somente, fazendo-se democrática, também constante na prosa poética, composição estrutural em parágrafos, a que se rende não apenas o romance, como também a crônica, em primeiríssimo lugar, na sua versão histórica, segundo demonstram os estudos de Coutinho (2008). A poesia é uma atividade criadora humana, que se faz presente em um quadro, em uma dança, em uma vida e nas mais distintas formas de existir na Terra. O poema é texto concreto, que deixa as suas pegadas, costumeiramente, em um papel, em uma tela de computador, em um celular e em tantos outros espaços que possam conceber a realidade humana. Por isso, afirma-se que a poesia contemporânea do Brasil se arregimenta, em diferentes formas de composição linguística e estrutural, que transita entre o rimado, o não rimado, o parágrafo, as estrofes, o verso e a inexistência dele – via poema concreto – dentre outras infinitas possibilidades de fazer literário. Tal panorama ilustra bem a sintonia da Literatura Brasileira com os anseios democráticos e humanos da seara jurídica, desvelando a ausência de neutralidade nas ações humanas ao longo da história do Brasil, como bem afirma Freire (2019).

Nota-se que essa concepção de literatura se alinha a um Estado Democrático de Direito, anunciado pela CRFB/1988, no qual a educação é um direito humano, na esteira de como é concebido o letramento vernacular, o linguístico, bem como a teoria bakhtiniana, a própria pedagogia de Freire



(2020) e o efetivo destaque para a necessidade de que o docente se profissionalize, com enfoque na valorização do professor. Essa “profissionalização”, bem verdade, tem, muito mais, desprofissionalizado o educador, se observado o plano de carreira do docente da rede pública baiana e suas interfaces injustas com o sistema de avaliação em larga escala brasileiro.

Nesse ritmo democrático, o direito ao letramento vernacular abrange todas as possibilidades de manifestações do idioma oficial e dos cooficiais, o que envolve os mais diversos campos de atuação da vida humana; incluindo, nesse rol, o conceito amplo de literatura, acima discutido, com destaque para LB. Logo, se o homem tem direito à literatura, como o concebe Cândido (2017), tanto o mais ele tem às artes, em geral, bem como ao letramento vernacular; já que este tem maior amplitude, compreendendo manifestações linguísticas literárias e não literárias, ou seja, maior número de contextos sociocomunicativos. Por isso, o direito ao letramento vernacular é, ainda mais, necessário para que o indivíduo tenha uma vida humana digna em seu país (nesse caso, o Brasil), o que significa uma existência de plena inserção social e, por isso, efetivamente cidadã.

Ao enleio do gênero, em epígrafe, desnuda-se a problemática desta pesquisa: as crônicas de Tатаh Café, enquanto Literatura Brasileira contemporânea, devem ser trabalhadas nas aulas de língua portuguesa para quê? Com o propósito de desenvolver uma pesquisa de cunho bibliográfico, nos moldes de Gil (2002), com coleta qualitativa de dados, como leciona Moíta Lopes (1994), para pesquisas na área de Linguagem, o presente trabalho analisa como as crônicas de Café (2019) podem contribuir com o processo de fomentação da consciência cidadã do educando, via elevação do nível de letramento vernacular, se trabalhadas conforme sejam as demandas advindas das reais necessidades de aprendizagem do discente, sob o cotejo da teoria de Bakhtin (2014) e de Freire (2019).

O trabalho apresenta relevância social por contribuir com a área educacional, bem social de sumo relevo na perseguição de demais direitos fundamentais à pessoa humana. Por essa via, inicialmente, aborda-se sobre Tатаh Café, cronista da LB contemporânea, proveniente do interior da Bahia e dona de uma história de vida que, ao se entrelaçar com a dos alunos, sobretudo, os de escolas públicas, podem ajudá-los a romper com as amarras sociais, na busca pela promoção de uma sociedade mais justa, dando novas cores aos lugares de poder da sociedade. Em seguida, apresenta-se a literatura de Café (2019) como o lugar do “contrapoder”, nos termos de Barthes (2013), e, como tal, grande propulsora no processo de efetivação do direito ao letramento vernacular para o educando, principalmente, o de escola pública. Por fim, discute-se as quatro funções da literatura, segundo as define Compagnon (2009), sob o cotejo de algumas crônicas de Café (2019), refletindo sobre o benefício de não desvincular o ensino de Literatura Brasileira do de Língua Portuguesa, com enfoque



para a aquisição da teoria escrita da língua. Nesse ritmo, descortina-se, para o Brasil, as “notas afetivas” das crônicas de Café (2019).

TATAH CAFÉ: DO INTERIOR DA BAHIA ÀS LETRAS NACIONAIS

Na linha dos estudos freirianos, apresenta-se o universo de inserção de Tatah Café (2019). Com linguagem simples, como extenua o gênero de que se serve essa escritora, Tatah Café (2019) escreve textos que são de fácil compreensão para os alunos, sobretudo, os de escola pública, não só pelos aspectos textuais, como também por ela ser baiana, negra e do recôncavo, para os casos em que os aprendizes tenham o mesmo universo de circunscrição dessa autora. Assim, os educandos têm a oportunidade de conhecer a história de uma escritora que tem lugar de fala similar ao deles; já que a formação da autora, além de todos os outros fatores já mencionados, dá-se pelo ensino público.

O contato com os textos e com a biografia da cronista podem fazer suscitar, no aluno, o desejo de romper as amarras de exclusão social por meio da escrita e da leitura, como formas de elevar o nível de seu letramento vernacular. Tatah Café (2019), mulher em uma sociedade com bases patriarcais, é, acima de tudo, negra que se faz reconhecida por meio de seu fazer literário pós-moderno. Ela é uma história de superação, cujo exemplo pode se reverberar positivamente na vida dos educandos de escola pública que são, de igual modo, negros, em sua maior parte, e integrantes de classes de maior vulnerabilidade econômica e social. O universo da periferia em que Tatah Café vive a sua infância consubstancia o valor da educação como forma de promover dignidade à pessoa humana, como se nota por meio das palavras da própria escritora:

As Artes Visuais e a Literatura sempre estiveram presentes em minha vida. Parece clichê um artista dizer que desde a infância a Arte é um abrigo, mas que seja. Ela é. Nasci e cresci na periferia de Santo Antônio de Jesus e todo acesso que tive a atividades culturais foi dentro da escola. Fora dela a cultura das tradições familiares e patrimoniais como as crendices existiam, mas nunca direcionadas ao pensamento crítico. Não era costume perguntar e entender o porquê das coisas. Eu sempre tinha coisas para saber (CAFÉ, 202?a).

As interfaces que essa escritora estabelece com outras manifestações artísticas acham guardadas em sua autobiografia, que se fazem pegadas em seus escritos literários, demonstrando o valor da escola pública para o povo brasileiro e o quanto é urgente que ela se faça popular, do povo, efetivamente, como defende a pedagogia libertadora de Freire (2019). Rompendo com as limitações de seu universo infanto-juvenil, Tatah Café é ganhadora do prêmio de Residência Artística Internacional para escritores no Instituto Sacatar (2018), além de vencer o Edital de Mobilidade Cultural da Secretaria de Cultura da Bahia, com Intercâmbio Internacional no Centro Cultural Brasil-México (2019). Ela é mestra em



Desenho, Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2018); especialista em Design Thinking pela Faculdade Unyleya e Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (2014), vide Café (202?b).

Tatah Café tem experiência como docente em linguagens visuais, bem como em expressão gráfica e editorial, além de ser parecerista da Revista Brasileira de História da Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Com currículo extenso que demonstra a importância da educação para vida de todo ser humano, Tatah Café sai da periferia e se torna uma escritora que também é docente do Curso Técnico em Design de Interiores da Escola Técnica do Núcleo de Integração e Desenvolvimento Estudantil, ministrando as disciplinas “Desenho de Observação” e “Percepção Visual”. Além disso, ela é diretora e coordenadora de projetos na Oxe Conteúdo Produções Cultural, em Santo Antônio de Jesus, local em que vive descortinando poesia: “[...] sou baiana do Recôncavo, filha do meio e multitarefa [...]” (CAFÉ, 202?c).

Tatah Café é autora baiana que integra a Literatura Contemporânea brasileira, escrevendo poesia, conto, romance e crônica. Ela tem dois livros publicados, em 2017, e um mais recente, em 2021, respectivamente, apresentados a seguir: “Nota Afetiva - entre memórias e poesias”, “Leituras crônicas” e “Amores de Licores - memórias do Paraguaçu” e “Travessias”. Nessa publicação recente, a autora assume identidade regional e se apresenta como Tatiele, por considerar o nome que mais a identifique nos anos de 2021, seu nome “legítimo”, Tatiele da Silva Souza. Em matéria, exibida pelo sítio eletrônico da “Oxe Conteúdo”, empresa na qual é diretora, ela assume que a Tatah Café já não se faz a mesma em que habita a Tatiele, sem nome artístico, no trajeto de sua vida real e literária, que intermedeia as suas relações de âmbito civil, vide Café (202?d). Pelo visto, a paixão pela mudança e pela vida, em seu instante, estende-se para uma existência que vai além das crônicas que ela escreve. Ao falar de seu último livro, que também se serve do mesmo gênero discursivo adotado por esta pesquisa, a autora assim se pronuncia:

Esse livro começou a ser produzido através de uma outra chamada da FUNCEB [Fundação Cultural do Estado da Bahia] que foi o Edital de Residência Artística para escritores no instituto Sacatar, em Itaparica, no ano de 2018. Eu fui selecionada e passei 8 semanas na Residência produzindo, escrevendo, foi incrível! Eu saí de lua com o livro bem encaminhado e fui viver 2 intensos anos, ou melhor, 2 agitados anos, como produtora, abrindo minha empresa...nesse intervalo eu quase não escrevi e ainda estava no processo de difusão do Nota Afetiva. A oportunidade da Aldir Blanc veio no momento crucial quando nós, agentes da cultura, nos vimos sem chão diante do cenário de pandemia. E aí eu não tive dúvidas em inscrever minha proposta no Prêmio Jorge Portugal. Na residência o projeto do livro era um projeto de criação, e na Aldir Blanc foi um projeto de publicação do que já havia sido criado, é importante frisar essa diferença. A classe artística precisa ter esse tipo de incentivo todo ano, não só em um cenário de guerra como este (CAFÉ, 202?d).



De Tatiele Souza da Silva à Tatah Café para, depois, retornar à Tatiele Souza da Silva, mais uma vez, em suas múltiplas metamorfoses, desveladas pelo instante literário de cada crônica da qual ela se faz autora, revelando o seu compromisso com a justiça social e com os direitos humanos através do enredo de suas tramas. Nesses moldes, a menina da periferia se torna uma escritora, em ascensão, alcançando voos internacionais. Na empreitada pela busca de seu lugar no mundo, muitos óbices aparecem, mas o seu repouso encontra morada na palavra e nos fios ideológicos de humanidade, que emanam de sua crônica contemporânea, fazendo jus às conquistas alcançadas por essa autora.

Por meio da narrativa de Café (2021), é possível perceber, ainda, os caminhos que ela percorre até se tornar escritora. Mesmo tendo estudado a vida toda em escola pública, ela empreende a própria vida, abrindo novos horizontes para sua existência, inclusive em níveis superiores do ensino, como o doutorado, iniciado por ela em 2021. Tatah Café faz tudo isso sem deixar de se enredar pelos enleios literários de seu Brasil baiano, como se nota:

No ano de 2010 entrei para a faculdade de Artes Visuais e me mudei para a cidade de Cachoeira, no coração do Recôncavo Baiano e onde tudo começou, eu recomecei. Tem palavra para nos tornar mais poetas do que saudade? Tem palavra que diz mais do artista do que inspiração? Quanto mais saudade eu sentia de casa e dos amigos que vinham e partiam, mais eu escrevia. Quanto mais eu olhava para o Rio Paraguaçu mais inspiração eu tinha. Comecei então a escrever publicamente preenchendo o *status* das redes sociais – primeiro orkut e depois facebook – e por influência dos amigos que se tornaram leitores e incentivadores criei um blog para aumentar e formalizar a escrita. Existe uma distinção no processo literário entre a geração de escritores contemporâneos e os modernistas, hoje a gente pode publicar a qualquer hora, estando a obra pronta ou não. É o privilégio da geração *touch*: ouvir a voz dos leitores. A internet mudou a literatura, mas não mudou o escritor (CAFÉ, 2021a).

Na continuidade moderna dos escritos contemporâneos, a internet faz reverberar novos gêneros discursivos, com tramas ainda menores, muita imagem, mas sem perder a poesia escritora. A história de batalha e ousadia de Tatah Café pode fazer florescer os anseios de autoria entre os alunos, além de estimular o gosto pelo estudo, como forma de melhorar a vida. Conforme diz Tatah Café, “vivo entre o Sertão e o Recôncavo observando a vida e tecendo memórias através da palavra. Sou frasista, cronista, poeta, designer gráfica e estudo para um dia ser Curadora de Arte” (CAFÉ, 202?). Tatah Café tece a sua literatura por meio de sua vida e luta pela justiça social, promovendo diálogos entre diversos fazeres artísticos. De todos eles, sobreleva os que essa autora estabelece por meio de suas crônicas, o que mais se faz presente, em suas produções literárias, constantes no livro “Notas Afetivas: entre memórias, poesias e leituras crônicas”, é o seu diálogo com a MPB, *in verbis*:

O que li estava nos didáticos e na biblioteca do colegial. Nos livros de Língua Portuguesa e Literatura, a Arte Moderna ganhou meu coração e imaginação. Como eu era apaixonada por todas aquelas poéticas visuais. Como eu me imaginava na Semana de 22. Como eu imaginava



Tarsila e Malfatti, mulheres criadoras, no meio de todos aqueles homens. “A velha Contrabandista”, “Bisa Bia Bisa Bel”, “Ou isto ou aquilo” “Os restos mortais” são títulos que abriram minha percepção para imaginar. E como era bom dar asas. Em paralelo descobri “Aquarela” e “Caderno” de Toquinho. Descobri na música outro caminho que as palavras faziam. Não deu outra. Estava lançado o meu percurso ou melhor, parte dele. Parti tecendo palavras e rabiscando o mundo, as roupas, as paredes, os cadernos, os diários. Os cadernos de observações da escola, volta e meia, traziam uma observação como, “Tatiele, aluna destaque no trabalho de matemática com cartolina decorada”. A escola era minha casa da Arte, o ateliê, laboratório, residência artística (CAFÉ, 202?a).

A escola, como residência artística, é a forma encontrada por Tatah Café de se fazer inserida nesse mundo desigual. Mais uma vez, trata-se de um testemunho de extrema valia para os alunos, sobretudo, os de escola pública. O diálogo com artistas consagrados da MPB se faz presente ao desvelar das crônicas do livro que já exhibe, em seu título, recortes musicais, denominado de “Notas Afetivas: entre memórias, poesias e leituras crônicas”. As memórias só desvelam as marcas biográficas das suas “leituras crônicas”, que exalam poesia, no curso da prazerosa leitura. Nessa escolha, há a revolução de uma mulher negra que faz crônica, “gênero menor”, em uma sociedade patriarcal, organizada para fundamentar a “submissão”, não o ato revolucionário a que se presta o presente trabalho. Por acreditar que a educação é a melhor via para a promoção da justiça social, Tatah Café, além de professora, desenvolve um projeto interacionista com o propósito de ajudar novos escritores:

O Workshop de Escrita Criativa integra o plano de divulgação do meu livro “Nota Afetiva – entre memórias, poesia e leituras crônicas”. É uma proposta formativa livre que tem o objetivo de estimular a produção escrita respeitando a individualidade do sujeito. A programação que pode ter caráter intensivo (4h) ou extensivo (de 8 a 12h) a depender da demanda dos interessados, tem metodologia pautada na prática do design *thinking* e além das atividades práticas os participantes serão convidados a pensar a transversalidade da escrita na era digital e sua contribuição para a cultura cyber no Brasil. **O que estamos lendo e escrevendo além do status das redes sociais?** “A gente nunca leu tanto como hoje em dia, mas ao mesmo tempo a gente nunca leu tão mal. Na maioria das vezes estamos lendo notícias de um mundo que definha e meu grande questionamento é: o que nós podemos fazer para mudar o mundo? **Público alvo:** a galera toda! Para saber mais é só [entrar em contato comigo](#) (CAFÉ, 202?e, grifos próprios).

O enunciado, que questiona como é possível mudar o mundo, só faz realçar as cores da literatura de Café (202?e) e os meandros educacionais por meio dos quais ela se serve, em sua batalha por justiça social. Por esse motivo, as suas crônicas estão eivadas de uma literatura crítica, do contrapoder, que faz reverberar o valor da eficácia dos direitos humanos para contemporaneidade brasileira, promovendo a reflexão e, assim, contribuindo com a efetivação do letramento vernacular dos alunos, como se passa a observar por meio do tópico vindouro.



FOTOGRAFIAS DO COTIDIANO HUMANISTA DE TATAH CAFÉ: ENSINAR CRÔNICA PARA QUÊ?

O poder humanizador da literatura é disseminado, mundialmente, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, em consonância com os anseios de paz, deflagrados pelo período que sucede a segunda guerra mundial. Nesse momento, em que a Organização das Nações Unidas (ONU) é constituída, e, com ela, promulga-se a Declaração dos Direitos Humanos, é evidente um pacto mundial de concórdia entre as nações, que temem os ares de uma “terceira guerra” e os horrores que dela podem advir. Os direitos humanos começam a dar contornos a uma nova tônica existencial. A palavra democrática ganha vez e forma, chancelando, no Brasil, o princípio da dignidade humana como fundador da CRFB/1988, orquestrado pelas normatizações educacionais da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) e de demais dispositivos legais que regulam o ensino brasileiro.

Nesse contexto, Paulo freire (2019) defende não poder se falar em democracia, sem que exista uma educação libertadora, que possibilite ao “oprimido” sair da sua condição de “miserável”, libertando-se das amarras sociais que o subjugam, por meio da inserção de sua “palavramundo”, no extenso universo de que ele faz parte. Mantêncio (2009) admite que Freire é pioneiro do letramento no Brasil e, nessa linha, o Patrono da Educação Brasileira gesta uma concepção dialógica da educação, na mesma cadência bakhtiniana, convergindo ambas as teorias para uma versão marxista da linguagem. A palavra democrática faz inserir, no mundo, a fala, ainda abafada, do negro, do índio, do homoafetivo, do pobre e de tantos outros relegados pela história, aos quais, outrora, é feita a imposição do silêncio passivo que atende aos interesses elitistas da educação bancária, nos termos de Freire (2019). Em contraponto, há a esperança, do verbo “esperançar” freiriano, que anuncia novos tempos democráticos da palavra, na linha do que Cândido (2020) proclama:

Elas [as pessoas] afirmam que o próximo tem direito, sem dúvidas, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégio de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Bethoven? (CÂNDIDO, 2020, p. 174).

Freire (2020), ao discutir a plena inclusão, na sociedade, da classe economicamente vulnerável, que ele mesmo denomina como “oprimida”, afirma que a desigualdade social existe porque não é estratégico desenvolver, para os indivíduos dotados de uma consciência astuta, povoada por interesses elitistas, uma educação gestada nos moldes libertadores, de tal forma que viabilize a inserção de todos os marginalizados no convívio social e digno de uma pessoa humana.



Talvez, por isso, seja necessário refutar a pedagogia freiriana, em alguns cenários nos quais a democracia é muito mais um compêndio teórico do que deveras efetivo, como o faz Bolsonaro, atual presidente do Brasil, em nítida exibição do panorama apresentado por Assunção e Souza (2019), com o qual a presente pesquisadora se filia. Frente a esse paradigma, o Brasil tem erigido uma educação para todos, com inscrições democráticas, que se fazem permeadas por contradições. Sobre isso, Cândido adverte: “[...] ora, o esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre os direitos humanos” (CÂNDIDO, 2020, p. 175). Nesse sentido, verifica-se uma dissonância entre teoria e prática, ao que não se pode propalar efetividade democrática no Brasil.

O direito ao letramento vernacular suscita justiça social por meio da educação libertadora, apontando a necessidade de que o “oprimido” tenha o seu direito de inclusão, na sociedade, respeitado, através do aprendizado de seu idioma oficial, em suas mais variadas vertentes, sobretudo a padrão, através da qual é possível que o “oprimido” assuma os lugares de poderes da sociedade, revogando a lógica opressora e operando, em lugar dela, práticas sociais e econômicas mais humanas e justas. Para Barthes (2013), a língua está permeada de servidão e poder e, ao mesmo tempo, o referido autor adverte que, nesse embate, só resta ao homem “[...] trapacear com a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*. (BARTHES, 2013, p. 17).

Por esse prisma, faz-se necessário que seja assegurado o direito à literatura, como defende Cândido (2020), o direito de ler “Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Bethoven”, entendendo que “[...] as forças da liberdade [...] residem na literatura [...]” (BARTHES, 2013, p. 17). Por isso mesmo, o letramento vernacular se serve dela, da literatura que humaniza e liberta, concebendo a educação como promotora de cidadania, auxiliando o “oprimido” a subverter a lógica perversa do poder, tornando a sociedade mais justa, inclusiva e, ao mesmo tempo, libertando-se a si próprio e a outros, em condições similares, das amarras sociais. A crônica, enquanto texto literário, impulsiona o letramento como promotor de efetiva cidadania. Por esse motivo, Tatah Café (2019), como se observa em subseção próxima, desvela as múltiplas funções da literatura em suas crônicas, conforme abordagem realizada por meio dos estudos de Compagnon (2009).

FUNÇÕES DA LITERATURA EM TATAH CAFÉ: NOTAS AFETIVAS DE UMA MEMÓRIA POÉTICA EM LEITURAS CRÔNICAS PARA O LETRAMENTO VERNACULAR

Permeados de crônicas narrativas, dissertativas e até mesmo mistas, em sua vertente reflexiva e lírica ou poética, os enredos de cada uma delas coadunam com a vida de militância de Café (2019),



sobretudo, no que concernem à defesa de sua condição de mulher negra fazendo Literatura Brasileira. Suas crônicas dimensionam distintos problemas sociais ao darem voz a personagens emblemáticas do espaço baiano, bastante demarcado pela linguagem e cultura próprias desse estado. Além de serem histórias próximas do universo fático dos brasileiros, sobretudo, os de maior vulnerabilidade socioeconômica, a própria autora integra o fazer literário local do recôncavo baiano, o que faz com que essa escolha tenha pleno alinhamento com a educação libertadora de Freire (2019), em se tratando, em especial, de educandos que se insiram nesse mesmo local geográfico.

A opção pelas crônicas narrativas, em sua dimensão lírica ou poética, é feita por elas oportunizarem o diálogo, seja por meio do discurso direto, indireto ou, ainda, indireto livre. Destarte, potencializa-se, ainda mais, o letramento cidadão, conforme a real necessidade, testificada por esta professora e por pesquisas, como as de Silva (2017), Brandão e Silva (2002), dentre outros, que desvela como os alunos de escola pública têm dificuldade durante o processo de aquisição da teoria escrita da Língua Portuguesa. Tal aspecto é reforçado também pela dimensão polifônica dessas crônicas; já que nesse gênero há o aporte de diferentes ideologias pelas quais se erigem cada fala das personagens - além da relevância da pontuação para o processo de construção da coerência textual e do aprendizado teórico da escrita.

De acordo com Costa (2008), é possível encontrar mais de um tipo de crônica em um só texto, sendo que um deles sempre vai prevalecer. Nesse sentido, insta ressaltar que, embora seja mais interessante, para esse trabalho, as crônicas narrativas, no que tange ao tipo de discurso, pelos aspectos supramencionados, a proposta pedagógica também pode se servir das dissertativas e das mistas, explorando o dialogismo bakhtiniano, inclusive com outros gêneros que não seja apenas a crônica. Desse modo, por vezes, a cronista tanto dimensiona a narração quanto a dissertação, podendo ainda se servir das crônicas mistas. No tocante ao tratamento do assunto, a crônica reflexiva e a lírica ou poética devem ser usadas com maior relevo, não só pelo fato destas se fazerem mais presentes no livro de Café (2019), mas também por oportunizarem o desenvolvimento da consciência cidadã, no educando, com viés crítico, objetivo primaz de uma educação cidadã.

Considerando que a crônica é um texto literário, traz-se à baila Compagnon (2009), estudioso que sedimenta as quatro funções da literatura. Neste trabalho, elas são exemplificadas, buscando ajustá-las a esse gênero, engendrando os motivos subjacentes à escolha dele, de suas tipologias e os associando à defesa do letramento vernacular. A primeira dessas funções, das quais se serve a literatura, é exibida por Compagnon, com maestria, *in verbis*: “[...] é a clássica que permite a Aristóteles, contra a Platão, reabilitar a poesia em nome da boa vida. É graças a [...] representação ou [...] ficção [...] - que o homem aprende, ou seja, por intermédio da literatura entendida como ficção” (COMPAGNON, 2009, p. 30).



O homem tem tendência natural à imitação, o que o distingue de outros seres vivos, fazendo-o apreender os seus primeiros conhecimentos por meio dela, além de ser afetado pela fruição que ela emana. A criança estabelece seus contatos iniciais com o mundo, imitando os pais, ao brincar de boneca, de carro e até mesmo no processo de aprendizagem da fala, dentre outras hipóteses situacionais que possam existir. Além disso, é comum que os bambinos tentem representar o som onomatopéico, emitido por diferentes animais, personificando esses seres e desenvolvendo grande sentimento afetivo na vivência com eles, dentre outras extensas possibilidades que a vida desencadeia, principalmente no universo infantil. Nessa acepção, “a literatura deleita e instrui [...]” (COMPAGNON, 2009, p. 30), educando o homem moralmente, melhorando a “[...] vida, ao mesmo tempo, privada e pública [...]”, (COMPAGNON, 2009, p. 30), como se nota:

Se a gente não arruma as gavetas de nossas vidas, quase nunca sabemos o que está faltando e/ou sobrando. Resta sempre uma sensação estranha de “eu tinha alguma coisa pra fazer, mas não sei o que é”, bateu uma vontade de comer uma coisa gostosa, mas não sei o que é”, “eu queria fazer alguma coisa diferente, mas não sei que é” (CAFÉ, 2019, p. 15).

Esse excerto é extraído da crônica “Comece pelas gavetas”, uma das que compõe o livro de Café (2019). Nesse texto, em específico, inexistente o diálogo de personagens e a voz protagonista é conduzida, por um “monólogo interior” (cotexto monologal), minimizado pelas frequentes vozes da consciência da narradora, enquanto personagem, marcadas pelas aspas, que se fazem presentes nas reflexões da tessitura textual, manifestadas em linguagem conotativa e literária, gestando a dialogia, tão recorrente no universo da língua. Por óbvio, que a construção da coerência textual, eminentemente dialógica, é realizada em um processo interativo entre texto, autor, leitor e a própria enunciação em que cada um está circunscrito. Trata-se, pois, de uma crônica dissertativa, evada de um posicionamento em relação à vida que auxilia o aluno a se comportar no mundo, frente às suas próprias questões existenciais.

Apesar de dissertar, com maior primazia, a crônica narra, em suas linhas, a história de uma narradora personagem, a qual, ao sentir que “[...] as coisas não estão indo bem, [começou] pelas gavetas [...]” (CAFÉ, 2019, p. 14). A narradora empreende uma organização de tudo e inicia “[...] pelas gavetas do trabalho [...]”. (CAFÉ, 2019, p. 14). Depois, pega “[...] as gavetas de casa [...]” (CAFÉ, 2019, p. 14); indo, em seguida, para a “[...] a sala dos estudos [...]”. (CAFÉ, 2019, p. 15). Ao notar os benefícios de arrumar “[...] as gavetas das nossas vidas [...]” (CAFÉ, 2019, p. 15), a narradora conversa com o leitor em tom de exortação, evidenciado, sobretudo, pelo emprego dos verbos no imperativo e, assim, pronuncia-se: “talvez hoje seja um excelente dia para arrumar as gavetas, não? Mas se quiser recomeçar amanhã, não esqueça: comece pelas gavetas!” (CAFÉ, 2019, p. 15).



No que tange ao tratamento da temática, essa crônica é reflexiva e, ao mesmo tempo, lírica ou poética. Por meio de uma relação metafórica, subjaz uma grande reflexão, um verdadeiro ensinamento: a organização como mola propulsora de sucesso na vida. No guarda-roupa ou na cômoda, existem compartimentos, gavetas, os quais necessitam estar organizados, enquanto partes, de tal modo que se garanta a arrumação do todo. De forma similar é a vida, as diferentes áreas da existência humana precisam de alinhamento, por assim dizer, de organização para que se garanta a composição primaz, a vital, concebida de modo conotativo, pela dimensão literária, isto é, através da representação metafórica.

Desse modo, extrai-se da crônica uma lição de vida ou, ainda, para vida, por meio do deleite literário, uma história permeada de representação metafórica com um certo grau de ficção, mesmo que não flagre o essencialmente “fabuloso”. Trata-se, pois, de ficção verossímil, demonstrando, no texto, em epígrafe, que a conduta é melhor definida pelo “[...] exemplo que possa servir de regra a muitas pessoas no exercício da virtude [...]” (COMPAGNON, 2009, p. 32). Nesses moldes, a literatura assume o moralmente humano, o ético e, por isso mesmo, inclui o ser humano, fazendo-o melhor conduzir a sua própria vida e imergindo em uma concepção cidadã, ética, como o concebe o letramento vernacular. Nessa linha, Compagnon (2009) apresenta o segundo poder da literatura:

[...] Surgido com Século das Luzes e aprofundada pelo romantismo, faz dela não mais um meio de instruir deleitando, mas um remédio. Ela liberta o indivíduo de sua sujeição às autoridades; ela o cura, em particular, do obscurantismo religioso. A literatura, instrumento de justiça e tolerância, e a leitura, experiência de autonomia, contribuem para a liberdade e para a responsabilidade do indivíduo, valores do Século das Luzes que presidiram à fundação da escola republicana e que explicam o privilégio desta ao estudo do século XVIII em detrimento do XVII, católico e monarquista [...]. (COMPAGNON, 2009, p. 32-34).

Essa acepção literária é exímia propulsora do letramento vernacular por oportunizar que o homem subverta o comportamento opressor e/ou alienação em humanidade, ao contestar o poder. Sendo a literatura o lugar do “contrapoder”, ela “[...] revela toda a extensão de seu poder quando é perseguida [...]”. (COMPAGNON, 2009, p. 34). Na história da literatura, ela tem o seu papel moral centralizado, sobretudo no século XIX e XX, partir da terceira geração romântica na poesia e em determinados tipos de romance da época. A literatura pode militar contra a barbárie, o caos operado no interior humano, “[...] como os perigos do imoralismo proletário eram designados na Inglaterra, ela elevará o povo a um ideal estético e ético e contribuirá para a paz social. É assim que os escritores foram arrematados a serviço da nação [...]”. (COMPAGNON, 2009, p. 34), como se nota por meio da crônica de Tatah Café (2019):

Não é novidade para ninguém que não é o preço do produto, a quantidade de papel ou o laço que o enfeita que faz o coração bater acelerado e o momento se tornar inesquecível. Os presentes que se eternizam são aqueles que nos pegam de surpresa de manhã cedo, quando a gente ainda nem



tirou o pijama, aquele que foi percebido no meio de uma conversa solta em um dia comum e resultou na realização de um grande desejo, como essas coisas que a gente diz enquanto, distraído, fala dos sonhos. Para ser um presente inesquecível basta que esteja vivo, pulsando, aqui e agora, como um grilo perfumado de refrigerante (CAFÉ, 2019, p. 14-15).

Nessa crônica, a dimensão narrativa é bastante explorada, predominando os elementos de uma narração, como narrador, espaço, enredo e tempo, ou seja, há uma história que é desvendada ao interlocutor à medida que a leitura vai sendo realizada. A narradora personagem chama-se Café, isto é, tem o mesmo sobrenome da autora do livro a que essa crônica integra. Café ganha um presente inusitado de Pedro, cuja alcunha é Peu. Ela recebe do menino um grilo. Nas palavras da narradora, enquanto muitas pessoas “[...] se satisfaziam com calcinhas, perfumes, chocolates, panos de prato, coisinhas de casa e tudo mais, Peu sambava na cara do crediário e me trazia o lado bom das surpresas: pupilas dilatadas e um afago generoso de sua inocência” (CAFÉ, 2019, p. 20).

Ao flagrar esse instante, verdadeiro, ingênuo, aparentemente simples, exótico e sem grandes valores, em um mundo altamente capitalista, a narradora desnuda, por meio do diálogo com Peu, uma certa libertação das amarras que impulsionam o lucro, a redução humana à “coisa” e as necessidades vis de perseguição àquilo que é estritamente mercantil. Por meio de uma mera singeleza, as palavras da cronista potencializam o que é há de mais elevado no homem, a alma, a nobreza de espírito, de forma que essas características conferem maior relevo ao gênero e, por isso mesmo, é que ele não deve ser visto como “menor”.

Essa crônica narra e, ao mesmo tempo disserta, fazendo o leitor refletir a vida através da função poética ou literária, por meio do lirismo inerente à linguagem que emprega. O texto apresenta um mundo capitalista no qual, embora a crônica esteja inscrita, não se serve dele como proposta ideológica, para a qual vai convergir, no momento em que a autora orquestra seu tema. De forma oposta, a crônica argumenta o “contrapoder”, defendendo os valores de uma concepção humanista, demonstrando que os presentes não devem se eternizar pelo seu valor monetário. Pelo contrário, as lembranças duradouras são aquelas que surpreendem, logo pela manhã, ainda de pijama, é aquele presente “[...] que foi percebido no meio de uma conversa solta em um dia comum e resultou na realização de um grande desejo, como essas coisas que a gente diz enquanto, distraído, fala dos sonhos [...]” (CAFÉ, 2019, p. 21).

É, por meio da poesia, que a literatura se faz edificação, não só instruindo, mas também congregando saberes múltiplos, por meio dos quais o leitor pode inserir a sua “palavramundo”, no mundo, defendendo pontos de vista, bem como fundamentando argumentações humanas e justas. Trata-se, pois, da literatura que liberta e ensina, fazendo o educando ser autor de sua própria libertação, nos moldes freirianos, além de dimensionar uma das vertentes pela qual se alicerça o letramento vernacular. Ela não mais instrui no mero deleite, como na primeira opção de finalidade literária, há um



compromisso libertador que, nesse caso, advoga contra as amarras capitalistas do “poder”. Por assim ser, insta ressaltar que a literatura se desprende, não totalmente, do deleite, ressaltando sobremaneira a sua função pedagógica e, por assim dizer, seu mister libertário, um dos mais relevantes para o ensino de LP.

Nesse sentido, é preciso defender que a primeira e a segunda funções, definidas por Compagnon (2009), imbricam-se, de certo modo, porque a literatura mora no campo figurado, na conotação, nas ficções, representando a realidade, mas sem ter compromisso fidedigno com esse mundo “real”. Com esse “habitat”, a literatura, ensina, liberta e pode fazer tudo isso deleitando, pelo prazer criador da leitura, pelo potencial imaginativo da interpretação, pelo raptó ao fantasioso ou ao paralelo simulacro real. A literatura sempre encontra seu modo de encantar, deleitar e, ao fazer tudo isso, exortar, assim como promover a libertação humana. Para Cândido (2020), a literatura é um direito humano, sem a qual o homem não suportaria as dores da vida, quando impregnada de intensa realidade. A crônica, enquanto literatura, não se exime de nenhuma dessas funções e, por isso mesmo, não pode ser concebida como um gênero “menor”. Pelo contrário, eleva-as sobremodo com seus instantes de verdades, que flagram sublimes poesias engendradas na complexa arte cotidiana de viver.

Pelo viés literário de sua terceira acepção finalística, a literatura “[...] corrige os defeitos da linguagem [e, falando] [...] a todo mundo, recorre à língua comum, mas ela faz desta uma língua particular – poética ou literária [...]”. (COMPAGNON, 2009, p. 37). Nessa dimensão, peculiarmente moderna, nos termos de Compagnon (2009), a literatura ultrapassa “[...] os limites da linguagem [...]”. (COMPAGNON, 2009, p. 38). Por isso mesmo, ela é democrática, serve-se da palavra dialógica, eivada de ideologia humanista, não apenas instruindo, mas também libertando por meio “da palavra própria” do educando que, nos termos bakhtinianos, é construída por meio da dialogia do conhecimento, nos moldes da “educação libertadora” de Freire (2003).

A literatura, nessa formatação, tem o poder de fazer o homem “[...] não ser enganado pela língua, [...] [tornando as pessoas] mais inteligentes, ou diferentemente inteligentes [...]”. (COMPAGNON, 2009, p. 39). Não se trata mais de uma arte social, realista, ou mesmo da busca da arte pela arte, essencialmente parnasiana. Esse paralelo caduca e aponta uma nova direção artística, o estilo moderno: “[...] uma arte que cobiça uma inteligência do mundo liberta das limitações da língua [...]”. (COMPAGNON, 2009, p. 39). A crônica, enquanto gênero, que integra o campo literário de atuação humana, como definido pela própria BNCC, tem sua dimensão contemporânea, ainda mais, aflorada nesse momento, século XX, pois seu estilo linguístico é formatado como eminentemente coloquial, de acordo com o que se nota:



- Pega o remo, companheira, pega o remo, a gente ainda tá no navio!

Era isso! Às vezes a gente fica perdido no roteiro de nossas vidas, achando que a água já inundou todo o barco, que os braços não darão conta de tanto nado, que o tubarão já está com a boca em nossa perna, quando na verdade ainda há muitos remos à nossa espera e do lado de dentro no navio. [...] (CAFÉ, 2019, p. 17).

Nessa crônica narrativa e, ao mesmo tempo, dissertativa, de caráter reflexivo e lírico, a tia, narradora personagem, está lavando o banheiro, enquanto seu sobrinho brinca. Guardiã do garoto, na ausência da mãe dele que precisou sair, imbuída de demais afazeres, a narradora impressiona-se com a brincadeira do menino. A criança, envolta em sua imaginação, junta dois sofás e, com tal ação, insere a tia na diversão, convidando-a para “remar”. A primeira fala é do sobrinho, eivada de uma linguagem coloquial, demarcada pelo “a gente” e também pelo “tá”, além de outras tantas que se fazem presente na crônica. No parágrafo seguinte, a fala da narradora, expressamente demarcada pelo “está”, ou seja, a mesma palavra é apresentada em órbitas distintas: uma de acordo com a gramática normativa (está) e outra que viola essa norma padrão (tá), em nítida exibição do plurilinguismo bakhtiniano (está - tá), imerso em um jogo de vozes sociais diferentes nos seus interesses e serviços.

O garoto, movido pela brincadeira e espontaneidade, próprias do mundo pueril, serve-se do coloquial, inerente à informalidade do momento, além da ludicidade, tão recorrente no universo infantil. Na fala da narradora, há a presença da reflexão da história, em sua vertente argumentativa, que conduz o leitor a ampliar seus horizontes interpretativos, orientando-o a perceber, no curso da vida, a existência de problemas que, às vezes, no interior humano, ganham proporções maiores do que as tenha, realmente, por meio das várias relações metafóricas construídas na crônica. As mudanças de estilo linguístico desvelam não apenas o perfil da personagem, mas a forma como ela se insere nessa trama, a faixa etária de cada uma, bem como o momento em que se dá a situação sociocomunicativa e as suas respectivas intenções.

Nessa perspectiva, a língua se apresenta viva, em suas múltiplas possibilidades de realização, oportunizando o deleite da brincadeira entre tia e sobrinho, sem se desvencilhar de seu papel pedagógico, ao lecionar que algumas situações adversas podem ser maximizadas, causando medo e pânico desnecessários. Ao reunificar experiências humanas, por meio da representação, a literatura enseja que o homem reflita seu trajeto, desenvolvendo “[...] a quota da humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante [...]” (CÂNDIDO, 2020, p. 182). Indo nessa direção contributiva, o texto literário (nesse caso, a crônica) reflete o contexto de sua produção, promovendo a reflexão dos alunos. Além disso, o texto literário propicia discussões de diferentes áreas do conhecimento, conforme o concebe Barthes (2013), o que oportuniza um trabalho de caráter interdisciplinar que potencializa a aprendizagem dos alunos. Nos termos de Castro (2018):



[...] A obra literária pode conduzir os indivíduos a agirem como cidadãos atuantes e transformadores da realidade circundante de maneira prazerosa, incentivando a continuidade da educação formal, sem as amarras da imposição curricular, e promovendo o letramento contínuo. (CASTRO, 2018, p. 15).

A literatura potencializa o letramento que conduz o homem à cidadania. Nesse ritmo, Compagnon questiona: “o que dizer hoje dos três poderes positivos da literatura – clássico, romântico e moderno -, bem como do seu quarto poder – pós moderno, pode-se dizer -, o do impoder sagrado? [...]”. (COMPAGNON, 2009, p. 44). O quarto poder da literatura, para Compagnon, é “[...] a ponta aterradora do [pensamento] moderno [...] (COMPAGNON, 2009, p.45), concebendo a literatura como distração, recusando não apenas o poder, como também o seu fim utilitário. Assim, a literatura é um fim em si mesma e, por isso mesmo, não é recepcionada no rol das três primeiras funções destinadas a ela, as quais são definidas como “os poderes positivos da literatura”, nos termos de Compagnon (2009).

Ao apresentar as quatro funções da literatura, Compagnon (2009) empreende uma defesa à literatura, na contemporaneidade, também chamada de pós-modernidade, assim traduzida, em suas palavras: “é tempo de se oferecer novamente o elogio da literatura, de protegê-la da depreciação na escola e no mundo [...]” (COMPAGNON, 2009, p. 45). Nesse sentido, o próprio autor admite que a literatura é rivalizada com outras representações, como o cinema e as diferentes mídias, por poderem ultrapassar a linguagem, mesmo quando se trata de suas finalidades modernas e pós-modernas. Não sendo a literatura a única a congregar experiências do homem; ela, ainda assim, encerra esse saber, que é “[...] insubstituível, circunstanciado e não resumível sobre a natureza humana, um saber [...]” ímpar. (COMPAGNON, 2009, p. 45).

Nesse tocante, insta considerar que essa “rivalização”, de que trata Compagnon (2009), é analisada por esta pesquisadora de modo diferente. Destarte, pode o ensino de literatura tornar-se mais significativo para o aluno e, por conseguinte, para o professor, quando dialoga com campos de estudos distintos, dos quais a música e as artes visuais constituem-se como um desses exemplos. A notoriedade dada a essas duas áreas do conhecimento se esmera no fato de ser uma das propostas metodológicas das quais se serve, de forma exitosa, a presente pesquisadora, em suas aulas. A própria LDB reconhece o relevo das artes visuais, da música, do teatro e das manifestações artísticas, em geral, quando determina que é obrigatório o trabalho de todas elas, ao longo do ensino básico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada sociedade cria seus próprios textos literários, conforme as suas crenças, sentimentos, culturas e propósitos diversos. A Literatura Brasileira, por exemplo, dada a sua relevância para a



humanidade, está no currículo escolar, legitimada pela própria BNCC, ao longo de toda a educação básica, sendo muito relevante para o ensino de Língua Portuguesa. O texto literário “[...] confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CÂNDIDO, 2017, p. 177). Sendo assim, o contato com a literatura, como defende Cândido (2017), constitui-se como um fator imprescindível para humanização, o que torna o direito à literatura irrestrito, devendo ter também acesso a ela os menos abastados economicamente, nem sempre reconhecidos no curso da história do Brasil.

Se a literatura integra uma das formas de manifestação pela qual a arte se reverbera e, ainda assim, é compreendida na esfera de direito fundamentalmente humano, segundo os estudos de Cândido (2017), tanto o mais tem esse homem o direito às artes, inserindo-se no rol de bens sociais, tutelados na acepção cultural, educacional, às quais se inclina o direito ao letramento vernacular, via Constituição da República Federativa do Brasil, doravante CRFB/1988. A LDB, ao assegurar o componente curricular de “artes”, valorizando as mais distintas formas de manifestações artísticas, como obrigatórias, durante o curso da educação básica brasileira, demonstra, de outro modo, que o homem tem direito às artes, em geral. A música, as artes visuais e a própria literatura, inseridas nesse rol, são engendradas, neste trabalho, pelo letramento vernacular - que fomenta a dignidade da pessoa humana - promovendo uma educação cidadã.

As crônicas de Café (2019) potencializam essa formação no aluno, na cadência do que propõem a teoria bakhtiniana e a de Freire (2019). Desse modo, a literatura, em sendo o lugar do contrapoder, como assevera Barthes (2013), ensina, liberta, instrui, deleita e, fazendo tudo isso, torna o homem mais inteligente, segundo defende Compagnon (2009).

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, E. T. C.; SOUZA, E. M. F. “Diálogos entre Mikhail Bakhtin e Paulo Freire: a palavravonte e a palavravundo, face social de uso do signo”. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, vol. 7, 2019.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2013.

BRANDÃO, A. C. P.; SILVA, C. S. “Reflexões sobre o ensino e a aprendizagem da pontuação”. In: MORAIS, A. G. (org). **O aprendizado da ortografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Planalto, 1988. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 31/03/2022.



BRASIL. **Lei n.º 9.394, 20 de dezembro, 1996**. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 31/03/2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 27/06/2021.

CAFÉ, T. “Tatah Café”. **Portal Eletrônico Nota Afetiva** [202?a]. Disponível em: <https://notaafetiva.wordpress.com>. Acesso em: 31/07/2021.

CAFÉ, T. “Tatiele da Silva Souza (Tatah Café)”. **Portal Eletrônico Empreendedores** [202?b]. Disponível em: <https://prosas.com.br/empreendedores>. Acesso em: 31/07/2020.

CAFÉ, T. “Bio”. **Portal Eletrônico Nota Afetiva** [202?c]. Disponível em: <https://notaafetiva.wordpress.com>. Acesso em: 31/07/2021.

CAFÉ, T. “Escritora Tatiele Café assume identidade regional em seu novo livro Travessia - #AldirBlancBahia”. **Portal Eletrônico Oxe Conteúdo** [202?d]. Disponível em: <https://www.oxeconteudo.com>. Acesso em: 31/07/2020.

CAFÉ, T. **Workshop escrita criativa**. **Portal Eletrônico Nota Afetiva** [202?e]. Disponível em: https://notaafetiva.wordpress.com/pedagogicos/. Acesso em: 31/7/2021.

CAFÉ, T. “Escritoras negras da Bahia”. **Portal Eletrônico Escritoras Negras** [2020]. Disponível em: <https://escritorasnegras.com.br/escritora/tatah-café>. Acesso em: 11/06/2020.

CAFÉ, T. **Notas Afetivas**: entre memórias, poesias e leituras crônicas. Salvador: Egba, 2019.

CANDIDO, A. “O direito à literatura”. In: CANDIDO, A. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa?** São Paulo: Atlas, 2002.

MANTÊNCIO, M. L. M. “Estudos do letramento e formação de professores: retomadas, deslocamentos e impactos”. **Revista Calidoscópico**, vol. 7, n. 1, 2009.

MOÍTA LOPES, L. P. “Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução”. **Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, vol. 10, n. 2, 1994.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Nova York: ONU, 1948.

SILVA, V. L. **A pontuação numa perspectiva discursiva da linguagem**: uma proposta pedagógica com fábulas contemporâneas (Dissertação de Mestrado). Santo Antônio de Jesus: UNEB, 2017.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 10 | Nº 28 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima